



PRODUZINDO UMA REVISTA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: conteúdo e forma conjugam-se na construção coletiva¹

Nuelna Vieira²
Adrienne Guedes³
Daniela Guimarães⁴

Criar histórias coletivamente é experimentar muitos encontros, desfiando os fios da imaginação e amarrando uns aos outros, na construção de enredos. Tal processo convida ao vôo criativo, mas também ao ancoramento necessário para que a história criada possa estruturar-se de modo a tornar-se socializável! Forma e conteúdo conjugam-se na produção de histórias coletivas.

Na perspectiva de uma prática educativa que envolva parceria e que favoreça às crianças sentimento de autoconfiança, buscamos momentos nos quais adultos e crianças pudessem trocar fantasias, sonhos, medos, dúvidas, sugestões, aprendendo um pouco do outro e da vida. Desse modo, criar histórias é experiência de vida, de troca, alegria de inventar com o outro personagens, cenários, situações novas e inusitadas.

A experiência que relatamos foi realizada na Casa Monte Alegre (CMA)⁵, espaço de Educação Infantil localizada em Santa Teresa. O trabalho com diferentes tipos de texto faz parte das DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO DO LEITOR E DO ESCRITOR construídas na CMA⁶. Nessa perspectiva, escolhemos os textos das Histórias em Quadrinhos para nosso projeto por percebermos que este tipo de texto mobiliza muito as crianças e é um estilo contemporâneo que traz em cena modos específicos de encadear ações, diálogos e representações de cenas imaginadas.

¹ Este texto foi publicado na Revista do Professor. Porto Alegre, ano XX, n.77, jan-mar 2004.

² Educadora alfabetizadora da Casa Monte Alegre, Especialista em Educação Infantil pela PUC- RJ e psicomotricista.

³ Diretora da Casa Monte Alegre Educação Infantil, Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Especialista em Educação Infantil pela PUC-RJ.

⁴ Diretora da Casa Monte Alegre Educação Infantil, Mestre em Educação pela PUC- RJ, Especialista em Educação Infantil pela PUC-RJ.

⁵ Para conhecer melhor a história e suportes teóricos do trabalho na Casa Monte Alegre ver: GUIMARÃES Daniela "Construindo um projeto de Educação Infantil: a Casa Monte Alegre, sua vida e sua história", IN: KRAMER S., CARVALHO C. & LEITE M.I. (orgs) *Educação Infantil em curso*. Rio de Janeiro: Editora Ravil, 1997.

⁶ Tais DIRETRIZES são explicitadas no livro "Ler e escrever na Casa Monte Alegre- uma



A seguir, trazemos algumas idéias teóricas que sustentam a importância do trabalho com os quadrinhos, no que ele afeta a constituição do pensamento da criança e a produção de linguagem. Depois, narramos o processo do projeto passo a passo, permitindo ao leitor aproximar-se das nuances do fazer, das opções metodológicas e das condições concretas do trabalho.

Histórias em quadrinhos: relações entre pensamento e linguagem

O trabalho com as histórias em quadrinhos é relevante na medida em que, hoje, o quadrinho é uma forma de expressão importante na nossa cultura, participando intensamente do universo da criança. Por um lado, é um tipo de texto caracterizado pela presença da ação, pela velocidade, simultaneidade de acontecimentos, etc. Ao mesmo tempo, é uma forma de registro que mobiliza relações específicas entre o tempo e o espaço (por exemplo, como representar diálogos e pensamentos ao mesmo tempo? Como conjugar narrativa e diálogo num mesmo quadro?).

Num projeto que envolve a leitura de quadrinhos já existentes e a invenção de personagens, histórias e a produção de quadrinhos por parte das crianças, estão presentes diversas dimensões da relação entre pensamento, palavra, escrita e desenho.

De acordo com Vygotsky (1991)⁷, podemos dizer que a fala da criança organiza o seu pensamento, ou seja, à medida que se expressa oralmente, contando suas experiências ou inventando uma história, a criança elabora os acontecimentos; estrutura início, meio e fim; percebe e preenche lacunas; estende e amplia seu discurso. Na fala exterior, comunicativa, é necessário colocar em jogo a produção de significado para a compreensão do outro; portanto, a extensão da fala presentifica-se, assim como a coerência e a organização mais minuciosa. A fala interior, no movimento de formação do pensamento, é abreviada; sendo para si mesmo, para uma organização pessoal, pode ser lacunar e fragmentada. O que torna necessária a ampliação da linguagem é sua função social que se expõe no momento da necessidade de comunicação.

Assim, contar sobre os personagens, inventar moradias, características e cenas

experiência saboreada por inteiro” produzido pela equipe no ano de 2000.



que os incluem implica em trabalhar a concretização da linguagem e a estruturação do pensamento, ao mesmo tempo. Produzir contextos significativos para dar vida aos personagens, inventar cenários para suas interações, torná-los coerentes foi um trabalho inicial importante nesse projeto. A fala e o desenho trouxeram expressão, cor e vida aos seres imaginados pelas crianças.

Também de acordo com Vygotsky (1991)⁸, a escrita guarda relação com a fala na medida que são recursos de comunicação com o outro e, desta forma, trazem em cena também a demanda pela extensão. A escrita é uma forma de fala mais elaborada. Na ausência dos suportes situacionais e expressivos, abundantes na fala oral, a escrita exige rigor na combinação das palavras, o que explica também a necessidade dos rascunhos, o planejamento que revela o processo mental (mais conciso, rápido, lacunar) desencadeador do texto

No processo de produção com as crianças foi necessário passar pelo momento da construção do texto escrito, em forma de narrativa, antes da constituição dos diálogos dentro dos quadrinhos. Na verdade, organizar a história implicou em falá-la, desenhá-la, escrevê-la, representá-la dramaticamente, viver “na pele” os personagens, para, então, lidar com a estruturação característica dos quadrinhos. Só após a extensão foi possível condensar, dizer de forma concisa, própria dos quadrinhos.

De acordo com Rushkoff (1999)⁹, nas histórias em quadrinhos, podemos perceber que a escrita e o desenho ganham características peculiares. Para muitos adultos, os quadrinhos parecem simplificados e primitivos, mas são essas características que permitem a participação ativa dos leitores e a manipulação intencional de tempo e espaço pelos autores-artistas. Esta nova composição do registro, essa forma de contar histórias, em quadros, produz novos modos de expressão, novas relações entre pensamento e registro.

Nos quadrinhos é importante ressaltar as mudanças na história, as emoções e locações dos acontecimentos. Paralelamente, ao invés dos traços descritivos, a representação icônica é preponderante, ou seja, são mais constantes imagens que

⁷ VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991 (3ª edição)

⁸ *idem*

⁹ RUSHKOFF D. Um jogo chamado futuro. Rio de Janeiro, Revan, 1999.



condensam a informação, permitindo que ela possa ser rapidamente vista e entendida. As representações icônicas libertam os quadrinhos da forma linear de contar histórias, possibilitando o contato com novas formas de compreender o mundo.

Temos situações em que, num mesmo quadro, alguém pensa e outro fala, ou dois personagens falam, ou seja, um tempo extenso que se passa num único espaço. Ou ainda, podemos ter um quadro onde um personagem tem uma idéia e só no outro quadro haverá a ação, isto é, o tempo se estendeu. Na verdade, os quadrinhos permitem novas e maleáveis relações entre espaço e tempo; pensamento e registro.

Portanto, no projeto que contaremos a seguir, foi fundamental que pudéssemos viver vários momentos de produção: o mergulho com as crianças em histórias em quadrinhos já existentes; a invenção de personagens próprios, cenas e histórias destes “seres” (faladas e desenhadas); a produção de textos escritos e narrativos sobre suas histórias; a invenção de diálogos e, por fim, o desafio de produzir a forma-quadrinhos com as crianças. Isto significa que passamos por diversos modos de relação entre pensamento e palavra, forma e conteúdo, tempo e espaço, permitindo que as crianças pudessem lidar proximamente com eles na produção de significados.

O projeto passo a passo: construindo a Revista em Quadrinhos

1) Ponto de partida: Mergulho na obra de Maurício de Souza e criação do personagem

Partimos da exploração das revistinhas da turma da Mônica. Queríamos que, ao final do projeto, as crianças criassem personagens próprios, inventados por eles mesmos e pudessem construir uma história em quadrinhos com esses personagens. Para isso, pensamos que era necessário que se debruçassem sobre personagens e histórias já existentes, pesquisando as características de cada personagem e a estrutura das histórias em quadrinhos. Desse modo, as crianças travariam contato com a diversidade de aspectos que envolvem um personagem, bem como os referentes a criação de uma história, o que seria fundamental quando fossem criar os seus personagens e as suas histórias!

Mergulhamos no mundo dos personagens da turma da Mônica a partir da



exposição do Maurício de Sousa – histórias em Quadrões (em maio de 2002 no Museu de Belas Artes-RJ).

Os personagens encantam e apaixonam as nossas crianças. Como são? O que mais gostam? Têm medo de alguma coisa? Estas e outras características foram levantadas. Fizemos um grande cartaz, dividido em forma de tabela, tendo desenhos dos personagens e perguntas sobre eles ao lado (qual o bicho de estimação? Qual o amigo preferido? Entre outras...). O desafio era pesquisar nas histórias as respostas de nossa tabela, e cada um ia escrevendo no espaço correspondente a resposta encontrada.

Após esse processo de caracterização, identificamos a paixão das crianças diante dos personagens. Então, por que não criarmos os nossos? O que faríamos?! Qual o melhor caminho? Como lançar a idéia? Quais os apoios que precisaríamos dar?

Diante da autonomia de nossas crianças, acreditamos que o fato de oferecê-las a possibilidade de criar personagens, por si só, já deflagraria o processo. Precisávamos fazer “boas perguntas” que ajudassem a todos a organizar o pensamento de forma estruturada. As escolhas dos perfis surgiram de acordo com as histórias singulares de cada uma delas.

Então perguntamos: que tal criarmos um personagem que só exista na imaginação de cada um de vocês!?

Euforia contagiante! Todos toparam a proposta!

O processo de criação passou por vários momentos, nos quais, fazer – expor – e fazer um novo eram atividades permanentes que enriqueciam a produção de cada um. Assim, as primeiras criações eram inspiradas nos personagens favoritos, conhecidos de outras histórias: Sereias, Peter Pan, Jotalhão, Princesas.....

Quando expunham com suas falas as produções (os desenhos de seus personagens) para o grupo surgiam as questões: *mas esse seu personagem só existe na sua imaginação? Onde ele mora? O que ele gosta de fazer? Ele tem amigos? Ele é mau? Entre outras.*

Tais perguntas foram iniciadas pelo adulto, com o intuito de provocar diferentes possibilidades de criação, enriquecendo em detalhes a criação das crianças. Refletir sobre o material do outro, trocando idéias e compartilhando os desenhos, ia também contribuindo para o desenvolvimento da estrutura do personagem de cada um. Trazer a



fala para ampliar o que tinha sido criado no pensamento e traduzido no desenho, como exercício individual, distendia as possibilidades, enriquecia a produção.

Esse momento de exposição das produções individuais é muito importante para darmos sentido as ações. Ao desenhar um personagem, a criança está numa relação subjetiva e solitária. A partir da exposição para o coletivo, dá início a novos desafios. Ou seja, na medida que o outro lança um olhar sobre sua produção, ela vai crescendo, sendo modificada pela interferência desse “outro olhar”. Essa é uma prática que dá ao escritor/criador justamente a dimensão da importância de construir um produto que seja compreensível para o leitor.

Dessa forma fomos construindo os personagens. Depois de termos muitos dados sobre eles e, alguns já terem até nomes, passamos para o registro.

- *Qual o nome que você vai dar a ele? (pergunta o educador).*
- *Julha.*
- *Bicho maluco. Legal esse nome!*
- *Nome...já sei, BU. Porque, assim eu sei escrever.*
- *Lunota.¹*

O nome, o lugar onde mora, o que come... todas as perguntas feitas durante processo de criação ganharam lugar na vida e na história de cada personagem. Assim, a escrita aparece como um novo recurso para registrarmos nossas descobertas e criações.

2) Primeiros passos: elaborando o pré-texto para o teatro, construindo o enredo

Dividimos a turma em três grupos: dois grupos com quatro crianças e um com três crianças. Cada grupo tinha como proposta criar uma história com os personagens

¹ Aqui descrevo todos os nomes dos personagens (negrito) com os respectivos criadores: **Julha** – Isadora; **Bu** – Daniel; **Lunota** – Lui; **Bicho Maluco** – Luisa; **Cabralo** – Thomás; **Camilo** – Luis Guilherme; **Diavalo** – Diana; **Nena** – Gabriella; **Pituco** – Thaís; **Florzinha** –



inventados por cada membro. Essa história seria dramatizada pelo grupo antes de ser escrita. “Viver” a história, fazer um teatro, traria ao grupo a oportunidade de envolvimento ainda maior com os personagens, bem como, com os enredos.

Para auxiliá-los na organização do início, meio e fim da história, utilizamos a produção de um pré-texto. Tratava-se de criar um roteiro estruturado para o teatro. Dessa forma, era possível para a criança organizar suas idéias de forma encadeada. Numa folha de papel ofício dividida em três partes as crianças escreviam partes da história que inventavam com a ajuda ou não de outras do grupo. Para poderem criar uma história coletiva, seria importante que algumas cenas pudessem estar previamente acordadas.

Chegou então a hora de “viver” a história, preparando nossos adereços: maquiagem, sucatas, panos...muitas fantasias. Os personagens que nasceram na imaginação de cada um e apareceram no papel em forma de desenhos, ganhavam agora vida através das crianças, corporificaram-se!

Fizemos três produções teatrais. Cada sub-grupo teceu sua história e compartilhou com o grupo.

3) No meio do caminho: elaborando o roteiro, em busca da coerência textual

No desejo de uma produção textual coerente, cujos fatos seguissem um encadeamento estruturado, com continuidade, desenvolvimento e coesão, pensamos em perguntas para cada subgrupo. Tais perguntas foram elaboradas por adultos e crianças nos três subgrupos (exemplos: onde moravam os personagens? O que aconteceu quando se encontraram? Algum deles é mau? Algum deles tem algum poder? Houve algum perigo que enfrentaram juntos? Como foi desfecho da história deles?) Objetivávamos intervir de modo a instigá-los a desenvolverem suas produções com coerência e riqueza de detalhes.

Assim, a divisão no espaço físico foi feita de modo que as interferências de um



subgrupo no outro pudessem ser mínimas. Queríamos que eles pudessem trabalhar com autonomia.

Com as idéias discutidas e organizadas no pensamento das crianças, depois de vivê-las nas conversas, desenhos e no teatro, partimos para a produção da história na forma escrita. Primeiramente, cada subgrupo elaborou um roteiro da história., um outro pré-texto Agora, elaboramos um pré-texto que nos auxiliaria a posterior produção do texto das histórias. Novos desenhos foram produzidos, ilustrando essas partes da história.

Então, distribuídos em três mesas na sala, os subgrupos vivenciaram dois momentos específicos do processo: elaboração do roteiro e desenhos. A organização do espaço físico, e a forma clara como o adulto procurava propor cada tarefa foram pontos fundamentais na intenção de favorecer a autonomia das crianças e a expressão de suas idéias singulares.

Na mesa em que se encontrava o adulto, o subgrupo produzia o pré-texto, o roteiro. Nesta situação, o adulto era o escriba pois a velocidade na produção das idéias era muito grande e precisávamos garantir o acompanhamento do tempo do pensamento e da fala nesse momento da invenção. Nas outras mesas, as crianças tinham outras tarefas: desenhar partes da história combinadas previamente; ordenar os desenhos; cada um desenhar o personagem do amigo com o intuito de conhecerem a forma e os detalhes (afinal, na produção da HQ cada criança desenharia um ou mais quadros que teriam dois ou mais personagens).

Cada sub-grupo compôs seu enredo. Um deles criou uma história em torno da temática da “ajuda”. O ser mais frágil era a Florzinha . Planejaram uma história na qual ela pudesse voltar para sua casa no jardim. O título foi “*O Sequestro da Florzinha*”

O outro subgrupo trouxe como temática “tornar um amigo malvado em um cara legal”. Essa história chamou-se “*O maremoto*”.

O terceiro grupo lançou como tema um assalto. Nesse grupo tínhamos o Lunota, um bandido de barba, muito mau, que assaltou a loja de brinquedos. A história intitulou-se “*Lunota e os brinquedos caídos no chão*”.

4) Chegando ao fim do processo: criando os diálogos.



Então, com os três subgrupos, tendo como referências os desenhos e os textos, seguimos para uma nova etapa: a criação dos diálogos.

Aqui precisávamos descobrir formas, palavras... para passarmos ao leitor o sentido das cenas, o que sentiam os personagens. Além disso, as características próprias dos diálogos em quadrinho (formato dos balões indicando algo sobre a fala do personagem, etc) eram pesquisadas para serem utilizadas. Após lermos a cena no pré-texto (por exemplo, Camilo encontra a Nena e a convida para brincar), perguntávamos: *De que forma podemos dizer isso?* As crianças surgiam com muitas possibilidades:

- *Nena, vamos brincar?!*
- *Que tal uma brincadeirinha?!*

E logo após perguntávamos: *Quem vai falar isso? Ou quem está falando isso?*

Assim, tecíamos na possibilidade dos quadrinhos, os diálogos, escritos pelas crianças. Elas mesmas observavam: *Quando o balãozinho do diálogo está como uma nuvem é que o personagem está pensando!*

Nesse momento de escrevermos os diálogos, as próprias crianças escreviam, tendo como referências para ajudá-las as trocas entre os amigos com mais experiência (aqueles que já estão com a base alfabética conquistada ou “em vias de”), as listas de palavras conhecidas da sala, os nomes dos personagens (inclusive os da turma da Mônica) entre outros.

5) Ponto de chegada: a revistinha

Depois de significativos e prazerosos encontros, organizamos graficamente as produções das crianças para que pudessem ganhar um estilo de histórias em quadrinhos. Nesse ponto a presença de Daniela foi fundamental, inserindo no computador os desenhos das crianças e montando as histórias.

Para o lançamento, quando convidaríamos os familiares das crianças,



produzimos cartazes, convites e um delicioso coquetel (feito por nós!), no qual as crianças se deliciaram com os recheios do pão a metro e as pastinhas maravilhosas de uma das mães que é banqueteira, a mãe do Thomás.

Autógrafos, fotos e mais histórias para vivermos e contarmos por aí.

Esse foi o Caminho, passo a passo, que nos levou até um produto feito com muito investimento por parte de todos os envolvidos, adultos e crianças! Nesse processo sentimos que foi possível garantir espaços para criação, troca, pesquisa, estudos sobre as características do texto em quadrinhos, bem como, produzir escritas em situações prazerosas e contextualizadas! Foi possível, também, integrar ao trabalho com histórias outras dimensões fundamentais da Educação Infantil: desenhar, dramatizar, dialogar, cozinhar... Experiência concreta e deliciosa de fazer educação!